

O MICROSCÓPIO, UM MICRÓBIO E "SELEÇÕES"

um Micróbio não identificado, provavelmente, um destes vulgares saprófitos, habitualmente inócuos, mas que, em se lhes tornando propícias as condições ambientes, se fazem virulentos e sómente cedem ante a moderna e quase milagrosa penicilina, um Micróbio achou injusta a crítica por mim feita à linguagem de certos artigos de "Seleções". "Nunca achei os erros que você fala — diz éle textualmente. Muito ao contrario é uma das melhores cousas que se pode achar em português".

Não admira que Micróbio não tenha achado erros. Para os poder achar, é preciso sabê-los. Ora, não se pode considerar um modelo de correção a carta de Micróbio. Sem falar na pontuação, simplesmente desordenada, encontra-se ali, por exemplo: erros que você fala (isto é, perpetra) por erros de que fala (isto é, a que se refere): há dez anos atrás (atrás, e não atrás. é demais na frase, trata-se de um caso de contaminação sintática); aquelas expressões afigurava-me a pessoa de nossos rudes estivadores (erro crasso de concordancia); etc.

Não são muito numerosas, em verdade, as incorreções da excelente revista, como expressamente notei no meu artiguete. "Encontram-se em "Seleções" — disse eu — artigos muito bem postos em linguagem portuguesa". Mas o ponto em que Micróbio me quis dar uma lição, que julgava muito acima de meu bestunto, é o relativo ao emprego do pronome éle em relação objetiva. Não se trata de ignorancia, esclareceu-me éle compassivamente, mas de simples recurso estilístico, para melhor transmitir a impressão de uma pessoa inculta. E, para ilustrar a tese, cita o caso de uma tradução de Érico Veríssimo. Pois poderia ter esmagado literalmente a minha ignorancia, atirando-me com o imenso Balzac e o seu admiravel mundo de criaturas imortais.

Que não se trata, no caso, de simples ignorancia, mas de mau gosto e vicioso sistema do tradutor, deixara eu bem claro. Disse então: "Há pelo menos um tradutor de "Seleções" que faz garbo deste solecismo. . . . A mim me parece simplesmente irritante este deliberado barbarismo". Percebe agora Micróbio que eu tambem havia percebido a cousa?

O diabo é que, além de ser discutivel o bom gosto destas transposições plebéias (e nisto convém Micróbio inteiramente comigo), o terrivel brasilirista (deixem passar o neologismo) o terrivel brasileirista de "Seleções" aplica o seu recurso estilístico a torto e a direito. O exemplo por mim citado é posto na boca de um membro do Gestapo. Ora, equiparar a linguagem de um homem rude e analfabeto do nosso povo com a de um componente da policia politica e altamente especializada de um país, onde a instrução popular chegou ao máximo desenvolvimento, é realmente não ter o senso das conveniências.

Veja, porém, Micróbio e justifique, se for capaz, os seguintes exemplos: "Foi o capitão do navio que obrigou éle a descer, interrompeu Castelberry" (Castelberry é artilheiro da armada americana, v. Seleções, pag. 51, fev. 1943); "Já tenho éle de olho", diz uma empregada do escritório de Walt Disney, encarregada da correspondência (Sel. jan. 1943, pg. 88). E assim poderia eu multiplicar os exemplos do abusivo emprêgo de tal solecismo. Neste caso não se trata propriamente de ignorancia, sendo de cousa talvez mais grave: deliberado propósito de plebeizar a lingua, que não é propriedade exclusiva do Brasil, mas patrimônio comum de duas nações civilizadas.